

e.cuit

mídia ativa

distribuição gratuita Ano IV - Edição #10 | Fevereiro/março 2013

Arte tipo exportação

***Juliano Guerra vai à Paraíba
e volta com contrato***

***Lara Rossato prepara
novo disco em Porto Alegre***

***Artistas que trabalham
sem sair do interior***

**GRITO
ROCK**
PELOTAS 2013

página central

EDITORIAL

Força renovada

Nova edição do e-cult ganhando as ruas, com algumas novidades. Entre elas, a integração de uma nova equipe. O e-cult nasceu com o espírito colaborativo, como uma ferramenta útil para nossos artistas e produtores. Agora devemos ganhar força com a participação desses jovens, que de leitores passam a ser responsáveis pela continuidade do trabalho já reconhecido pelo público.

Os seus nomes vocês poderão conferir ao longo das matérias desta e das próximas edições. São talentosos e engajados na cultura local, assim como os responsáveis pelo Grito Rock 2013, evento que abordamos nesta edição.

Confira também as matérias sobre a exportação artística de talentos aqui da região de Pelotas.

Provavelmente o próximo editorial não será mais assinado por mim, mas prometo fazer-me presente sempre que possível.

Abraços e até breve.

Deco Rodrigues

EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #10 | Fevereiro/março 2013 | Pelotas, RS

Editor/Fundador

Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

Editores

Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

Diretor Comercial

Rafael Dutra | (53) 8117-6974

Projeto gráfico e Diagramação

Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

Impressão

Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

Tiragem

4.000 exemplares

Foto da capa

Divulgação - Lara Rossato

Impresso em papel ímune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal

Financiamento:

ProCultura



Rapaz do interior deseja vencer no interior

LEON SANGUINÉ

Em meados de 1990, em sua coluna no Estadão, o escritor Rubem Braga publicou uma crônica onde contava ter recebido uma carta desesperada de um jovem leitor. O rapaz, aspirante à arte da escrita, dizia-se cansado do marasmo da vida no interior, onde tinha uma rotina de trabalho que mal cobria as despesas da família. Queria ir para o Rio de Janeiro tentar viver de escrever, tal qual fez o Velho Braga, mas não tinha coragem, então mandou a carta implorando uma palavra de luz, algo que ou o convencesse a ir ou a ficar. Naturalmente o cronista respondeu ao jovem que não iria lhe responder. Disse que não era um desconhecido quem deveria tomar uma decisão tão importante por ele.

Essa dúvida de não saber se vai ou se fica, se casa ou se compra uma bicicleta é comum a todo o interior do Brasil, não sendo diferente na capital nacional do doce.

No caso de o remetente do Velho decidir por sair de sua cidade para tentar vencer no Rio, pode ser que as suas oportunidades de fato sejam maiores. Lá está a efervescência, lá ele será mais lido e estará mais perto de seus ídolos. Poderá de maneira mais fácil viver da sua arte. Porém, o rapaz tem de ser responsável, então hesita. Tem noção da imprudência deste ato.

Suponhamos que decida tentar vencer na sua cidade. Pensou na saudade que sentiria do feijão da mãe. Como irá proceder? Como conseguirá viver da sua arte estando tão longe de onde a vida realmente acontece?

Apostando na cena de sua cidade. “União” parece ser a palavra da vez para valorizar e catapultar o ar-

tista local. Formar grandes Megazords culturais tem se mostrado de grande utilidade para as cidades do interior. Aqui em Pelotas coletivos como o Sou, o Sotaque Coletivo e o Munaya têm desempenhado essa função com excelência, apostando e difundindo a cultura local. Como acontece com o Coletivo Fita Amarela, de Rio Grande. Andréia Pires, membro desde a fundação, diz que o grupo surgiu da necessidade de organizar e juntar a produção por lá. “Em 2010 começamos um projeto aqui em Rio Grande, juntando um pessoal interessado em arte e cultura, com um objetivo principal: facilitar o acesso da comunidade à produção artística e cultural rio-grandina”, conta.

“União” parece ser a palavra da vez para valorizar e catapultar o artista local

Andréia também é exemplo de artista do interior que se manteve neste e começou a produzir com ele. Além de assinar coluna no Diário Popular nas segundas-feiras, ela é autora de “De Solas e Asas”, lançado ano passado. O livro foi proposto através da necessidade do Fita Amarela de conhecer de perto, no dia-a-dia, o processo editorial. “Nos deu o que procurávamos: alguma noção dos procedimentos e alguns caminhos para estimular a ‘saída do armário’ dos autores locais”, conta.

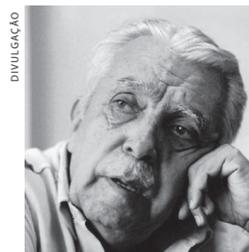
Melhor amiga do século XXI, a internet também é parceira do artista local. É o caso da banda pelotense Musa Híbrida, último gran-

Melhor amiga do século XXI, a internet também é parceira do artista local

de hype musical da cidade e que tem sua base na divulgação online. O grupo, que lançou no final do ano passado seu primeiro disco e o disponibilizou para download (www.musahibrida.com.br), tornou-se difundida em Pelotas através do boca-a-boca digital, apostando nas redes sociais (no momento tem 520 likes no Facebook), no Youtube e na mistura dos dois com a ferramenta de compartilhamento dos vídeos. O resultado foi um debut lotado no Galpão Satolep no dia 19 de janeiro juntamente com a DJ Helô, além de críticas positivas em sites de relevância nacional, como o blog do jornalista Roger Lerina, do clicRBS.

O Velho Braga estava certo: Não é função de terceiros decidir se o artista local casa ou compra uma bicicleta. Mas, caso opte por dizer ao povo que fica, a receita passa por uma cena local forte, onde utopicamente não seria necessário ir embora. Para tal, o ingrediente principal é mesmo a coletividade. Como se todos os artistas locais fossem Os Três Mosqueteiros.

E saravá-piu-piu!



Talentos inquietos

BERTHA BOCK

Se existe algum estereótipo atrelado a cidade de Pelotas - que dispensa menção a peculiaridade do comportamento gaúcho e a produção de doces - é, certamente, a riqueza cultural. Os prédios históricos com arquitetura importada de uma França do século XIX estão no centro da cidade, sediando tanto órgãos públicos quanto empreendimentos privados com cara de centenários. Mas perde um pouco do cenário quem não passeia pelo porto da cidade, onde as casas deste mesmo padrão ruem, dando às ruas um ar de cidade fantasma. Quem quebra esse clima são os estudantes que transitam, trocando idéias, dos bares pra casa, de casa para o Campus. Dessa movimentação talvez surja a efervescência da cena cultural que pulsa constantemente.

Contracenantes na peça AsPirações, dirigida por Flávio Dornelles, Lucas Ribeiro Galho, 25, e Lucas Escarcello, 22, iniciaram os trabalhos que surgem. Em 2011 participou da novela Aquele Beijo, dirigida por Miguel Falabella, e dos seriados Caras de Pau e Macho Man, ambos da TV Globo. “Acho que essa oportunidade surge naturalmente, sendo consequência de um árduo trabalho”, afirma. Ele diz que deseja voltar à faculdade e continuar trabalhando com publicidade.

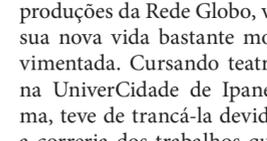
Os portugueses são bem diferentes dos brasileiros, mais

frios. Sinto falta dos amigos brasileiros. E da família também.”, diz ele. No momento, está se preparando para uma apresentação com o grupo Thíasos. Parece que o teatro lá é um pouco diferente, mais formal.



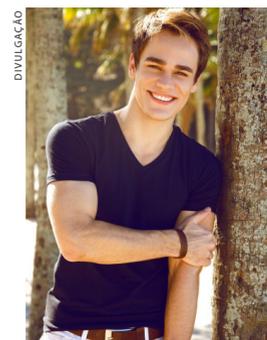
Lucas Ribeiro Galho

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, Lucas Escarcello passa por experiências bem diferentes. Com um fã clube no twitter, ensaios fotográficos superproduzidos, comerciais de TV e participações em produções da Rede Globo, vê sua nova vida bastante movimentada. Cursando teatro na UniverCidade de Ipanema, teve de trancá-la devido a correria dos trabalhos que surgem.



Lara Rossato

Deve haver um bom motivo para que artistas como eles abandonem o fim de tarde da lagoa. A cidade deixada com tanto carinho ainda apresenta um quadro no qual o artista não se encaixa, não se acomoda. E, após a partida, ele lamenta o necessário abandono da causa em favor da própria realização. Mas a esperança ainda existe. “Agora, pelo que vejo, Pelotas está em uma fase boa de produção cultural, tem muita gente boa produzindo e se unindo, que é o principal. Ninguém consegue movimentar uma cena sozinho”, observa a Lara de Porto Alegre. Pelotas é, sim, uma rica cidade. Se a gente pudesse, guardava em uma caixinha e pendurava na mala. E, quem sabe, depois voltava com alguma coisa pra acrescentar.



Lucas Escarcello



Ediane Oliveira

Ediane Oliveira é Jornalista. Produz o Programa Navegando RádioCom e faz parte da Maria Bonita Comunicação.

Aqui fora, aqui dentro

Pensar no que Pelotas representa em sua cultura artística tão icônica, requer um exercício multidisciplinar. Pelotas grita e silencia. O tempo todo. Sempre me questionei com a ideia de uma Pelotas tão tradicional em uma visão geral e predominante. Já conheço o discurso firmado em um contexto histórico de uma época que ditou estereótipos, costumes e dogmas de uma Pelotas menos diversa do que, de fato é e sempre foi.

Pelotas vai além. Nela, há um misto de vivências e peculiaridades capazes de tornarem uma teia quase infinita de pontos que a fazem, indubitavelmente, um bucolismo cultural, vivo, imagético, marginal, poético, e, repito: gritante e silencioso.

Pelotas, esse paradoxo entre o asfalto e o barro. Entre o canteiro e a valeta. Entre o salto-alto e o chinelo de dedo. Entre laquês e piolhos. Pelotas tem mármore com lustres brilhantes e muros, tão perto exclamando: “Estes grandes prédios foram levantados por mãos escravas!”. Pelotas, esse paradoxo entre tanta coisa latente, é também terra da resistência do movimento hip hop que cresce nas periferias e reúne mais de 1000 pessoas em shows de guris de vinte e poucos anos em praças centrais. Genialidades como a de um escultor analfabeto que dá ensinamentos para acadêmicos e pesquisadores de artes, não fazem parte ainda das Salas de Arte, mas existem em vivências diárias nos bairros e no centro. Pelotas, terra do choro grandioso de Avendano e seus companheiros, do reconhecimento nacional de suas produções caseiras, feitas ali, na salinha de casa, sem marketings e holofotes. Pelotas é também terra de instrumentos exóticos e ancestrais, criados e tocados por M. Batista, Giba-Giba e Dilermando, como o tambor de sopapo, elo com a África. Pelotas, sede antiga do Carnaval popular de rua lá de décadas atrás, - no tempo em que nosso Carnaval não era privatizado e tinha o reconhecimento de um dos mais procurados do País.

Pelotas grita e silencia. Pelotas às vezes é fora quando quer ficar dentro de algo só. Pelotas é cênica, bailarina e cinematográfica. Tem também reggae, samba, jazz, blues, rock underground, boemia, escritores novatos que ainda não publicaram, alguns colocando a boca no trombone, através de sua arte, gente diferente escondida, precisando ser vista por uma perspectiva mais ‘somos além de uma estética estabelecida’. E Pelotas é também clown: Tem Teatro do Oprimido e palhaços espalhados fazendo arte na frente de um Teatro fechado.

Écos colaborativos

Festival Grito Rock chega à 4ª edição em Pelotas enquanto ganha o mundo

ROBERTO SOARES NEVES

O festival Grito Rock é a linha de frente no plano de dominação mundial do Fora do Eixo. Nasceu em 2003 (antes mesmo da rede), em Cuiabá (MT), como alternativa à programação carnavalesca tradicional. Para esse ano, anuncia sua presença em 300 cidades de 30 países - inclusive ganhou o sobrenome Mundo. Seguindo a proposta do Fora do Eixo, foca no trabalho autoral e, mais do que proporcionar entretenimento, promove atividades de formação e debate dentro do universo cultural. Chegou em Pelotas em 2010, trazido pelo coletivo Outro Sul, e se notabilizou pelos dias de shows no Quadrado nas duas

últimas edições. Em 2013, se desloca com o carnaval e vai de 20 a 24 de fevereiro.

Mas o Grito Rock pelotense passa por várias mudanças esse ano. Pra começar, a organização agora é do Sotaque Coletivo, recém rebatizado Casa Fora do Eixo Pelotas. Habitada por quatro estudantes de diferentes cidades e ativa desde o ano passado, a Casa exemplifica o caráter integrado do Grito. Por telefone e Facebook, eles estão em constante contato com os produtores de Gritos Rocks pelo país. “A gente não é o Sotaque Coletivo fazendo o Grito Rock, a gente tem todo um apoio de uma rede com mais de 300 cidades fazendo o mesmo festival.

Então facilita muito, porque qualquer dificuldade que a gente tem, pode ser que uma pessoa já tenha passado, e a gente tira essa dúvida”, explica Ana Pessoa, uma das integrantes da Casa.

O tempo de preparação foi curto: eles assumiram a organização do Grito Rock em dezembro. E quem também mudou de administração nesse período foi a prefeitura, cujo apoio murchou. Os obstáculos são superados na base da colaboração: uma reunião aberta à comunidade gerou grupos de trabalho para cada necessidade e fortaleceu laços. “A gente foi meio que na raça, e aí tem um pessoal, por exemplo, as meninas do Atelier Cultural, o pessoal do 4B,

que chega junto pra viabilizar o festival”, diz Ana. Outros apoios vêm da Universidade Federal de Pelotas, Toque no Brasil, Hardcore Pride, Estúdio A Vapor, Nomads USP e Territórios Híbridos.

No processo de adaptação, se perdeu a experiência do dia inteiro de shows: o festival foi diluído em cinco dias e vários locais. Por outro lado, a quantidade de bandas de fora aumentou nessa edição - uma vem da Argentina. E as bandas locais também foram tocar em Gritos Rocks por aí. A circulação das bandas, em rotas combinadas entre os produtores, é um conceito caro ao Grito, como explica André Rodrigues, da Casa: “as rotas proporcionam

que as bandas circulem não só pelas regiões onde elas se situam, como podem se estender pelo Brasil inteiro”.

Mas, por mais que o Bono tente, não é possível dominar o mundo só com música. Por isso, o Grito Rock Mundo - Pelotas ainda tem esquetes de teatro, exibição de filmes independentes, oficinas sobre música e cidades, literatura e ambientalismo. Todos os eventos são gratuitos. A cobertura, ao vivo pela internet, também vai ser colaborativa, organizada em oficina na própria Casa. Confira nos boxes detalhes sobre a programação e as mudanças do Grito Rock 2013, e na contracapa, a programação completa.

Mudança de gestão

Este ano, o Grito Rock tem nova gestão em Pelotas. Será organizado pela nossa Casa Fora do Eixo, até há pouco conhecida como Sotaque Coletivo.

A proposta inicial, segundo a política do Fora do Eixo, era que os dois coletivos ligados à rede na cidade, o Sotaque e o Outro Sul, dividissem a organização. Contudo, não se chegou a um acordo nesse sentido, e o Sotaque acabou concentrando a responsabilidade.

Manoal Robe, do Outro Sul, explica que o Sotaque se tornou, realmente, o braço mais atuante da rede em Pelotas, tendo organizado, por exemplo, a Seda (Semana do Audiovisual) e projetos como o Sofá na Rua. Isso enquanto o Outro Sul, devido à candidatura de Manoal à Câmara de Vereadores, teve de afastar

se da atividade. Embora o Outro Sul tenha organizado boas edições do Grito Rock, a política do Fora do Eixo é valorizar os pontos que mantenham uma atuação mais contínua junto à rede, explica Robe.

O Sotaque, transformado em Casa Fora do Eixo em função dos projetos desenvolvidos e por contar como sede própria, espera uma edição do Grito Rock pautada pela colaboração externa, segundo contam os membros Ana Pessoa e André Rodrigues. O Outro Sul, por sua vez, colocou-se à disposição para ajudar no que for necessário.

Outro ênfase na organização dessa edição do festival, explica Ana Corread, será a ocupação dos espaços públicos. Atividades deverão ter lugar em vários pontos do centro da cidade. A

ideia, para futuras edições, é alcançar cada vez mais os bairros, embora por ora faltem condições materiais para tanto.

Mudança de local

Segundo André, a decisão de não ocupar o Quadrado, local que sediou as edições anteriores do Grito Rock, foi devida a questões de “logística e segurança”. Ana Corread explica que lá seria necessário, por exemplo, um gerador de energia (o que sai caro), ao passo que em outros lugares basta uma autorização da CEEE para puxar eletricidade diretamente do poste. Lembra também a maior facilidade de acesso ao Centro, em comparação com o Quadrado, para quem vem de outros bairros.

José Antonio Magalhães



Petit Mort, de Buenos Aires.



Vade Retrô, de Pelotas

Vários estilos de Grito

514 bandas se inscreveram para o Grito Rock Pelotas 2013, a 4ª edição pelotense deste festival proposto pelo Fora do Eixo com o objetivo de... bem, fugir do eixo. Deste número, 14 foram selecionadas, sendo oito delas da nossa terrinha nacional da neve que vira chuva.

No dia 20, o primeiro do festival, se apresentará na Casa Fora do Eixo Pelotas (Almirante Tamandaré, 608) o duo Antique, composto por Daniel Balhego e Felipe Rotta. O projeto apresenta uma proposta acústica, intimista e voltada para a MPB e o Folk. Atualmente em estúdio para gravação de CD, já realizaram o Tributo a Vitor Ramil, reavaliação com aprovação do próprio cantor.

Na quinta-feira, dia 21, subirá ao palco na frente da Seduc, juntamente com a argentina Petit Mort, o power trio mais promissor da cidade. She Hoos Go é composto por Daia Scarlet, Simone Del Ponte e Ana Corrêa, foi formado em 2010 e apresenta características do movimento Riot Grrrl dos anos 90 e é conhecido por seu show enérgico e letras contestadoras.

Um dos dias mais esperados é a sexta-feira 22, onde se apresentam Topsyturvy, de Mogi das Cruzes-SP, Pilhas, de Butiã, e o gothic metal da pelotense Vetitum. Formada em 2001, a banda realizou até 2005 shows por diversas cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Após longo recesso, lançaram em 2011 “My Weakness”, que estará em CD demo ainda sem previsão de lançamento.

O sábado, 23, é o dia

que conta com o maior número de bandas. Serão seis apresentações no Parque (ou praça, dependendo da sua posição filosófica) Dom Antônio Zattera. A abertura dos trabalhos ficará a cargo dos pelotenses da Convés Imaginário, seguidos da Saturno de José, de Esteio. A seguir, chega a Suburban Stereotype, destaque da cena hardcore em Pelotas, seguida da Freak Brotherz, veteranos do gênero na cidade. Mudando o clima, depois sobe ao palco a Dr. Hank, de Porto Alegre, trazendo a surf music para o Grito. Quem fecha o dia é o já consagrado rapper pelotense Zudizilla.

No domingo, último dia de atrações, acontece o Sofá na Rua, versão especial para o Grito Rock do evento do Sotaque Coletivo/Casa FdE Pelotas. Sobem no sofá a riograndina The Sorry Shop e os pelotenses da Vade Retrô, que entre seus grandes feitos tem a produção de um vinil próprio no ano passado.

Para André Rodrigues, Gestor de Música da Casa FdE Pelotas, é importante a participação das bandas locais em eventos como o que irá realizar: “As bandas locais são persistentes e estão atualmente em alto nível de produção e incentivando uns aos outros na produção da música independente autoral, o que é bom pra divulgação e distribuição de material não só dentro da cidade, como para a região e o país”.

Como já aconteceu nas outras edições, a miscelânea de estilos é a palavra de ordem não só da versão pelotense, mas do Grito Rock em geral.

Leon Sanguiné



Topsyturvy, de Mogi das Cruzes



Zudizilla, de Pelotas

Grito não-Rock

Conceitualmente, o Grito Rock é um festival de artes integradas. E na prática, transcende até a arte. Nessa edição, todos os dias têm opções extramusical, quase sempre nos mesmos locais dos shows. O teatro será representado pelo espetáculo infantil “A Bola e a Roda”, no domingo, além de esquetes de Andrúz Tomé, na quarta, e Marcela Fa-

rias, na quinta. O cinema independente comparece no Compacto.cine, que no sábado apresenta dez curtas de animação do AnimaTV, da TV Cultura e, no domingo, o longa “Delírios de um Cinema-níaco”, do artista plástico José de Oliveira. Na quinta-feira (21), o grupo Artcidade Criativa oferece a oficina “Cidades Criativas”, sobre novos modelos

de convivência urbana, no DCE da UFPEL. Na sexta, tem “Gestão de Carreira” para bandas, com Raphael Evangelista, do Duo Finlândia e a banda paulista Topsyturvy. No fim de semana, uma tenda vai reunir escritores e poemas para audição em mp3; a Expo.grito representa as artes visuais; e o Grito Verde promete abordar questões ambientais.

Confira a programação na contracapa >>>

A odisseia de Juliano Guerra

Meu ídolo e amigo, o compositor Juliano Guerra voltou da Paraíba fazendo duplas negativas e suprimindo artigos definidos. Numa mesa do Aquários, me contou sobre sua vida pregressa, a viagem, e como acabou conhecendo o ex-tropicalista e agitador cultural pessoense Carlos Aranha, com quem está articulando a gravação de um segundo disco e uma turnê nordestina.

JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

Dia 19 do dezembro passado, recém ultrapassado o meio dia, Juliano Guerra desembarcou no aeroporto de Santa Rita, a cerca de 15 km do centro de João Pessoa. A silhueta mirrada, com o violão nas costas, afetava um jeito de Bob Dylan, corroborado pelos óculos escuros. Mas o ar soturno se desfez quando ele viu, alguns metros à frente, um cabeludo, barbudo, com cara de louco e que aparentava ter duas vezes o tamanho dele. Era o escritor Beto Menezes, amigo de longa data que Guerra via então pela primeira vez. Tinha vindo esperá-lo no aeroporto, conforme combinado, e vinha acompanhado da esposa Eli Oliva e do filho Caio.

Quem vê Roberto Menezes talvez não suspeite tratar-se de um Doutor em Física com cátedra e bolsa de pesquisa, ou de um escritor com quatro livros publicados cuja última obra, "Palavras que Devoram Lágrimas", vem de vencer o concurso literário José Lins do Rego.

Roberto Denser, outro escritor amigo dos dois, já os esperava no supermercado com a cerveja comprada. Buscaram-no e foram direto para a praia tomá-la e comer peixada, um prato típico regional. Após um breve estranhamento físico (Menezes pensava que Guerra era maior; Guerra o imaginava menos grande) os três já agiam como os amigos que, anos antes, tinham começado a trocar textos e conversar através da comunidade "Bar do Escritor", no Orkut. Naquela época, Guerra já fazia

canções, mas ainda pensava que o seu negócio era escrever.

A gênese

Com 15 anos, Guerra veio estudar em Pelotas, começou a escutar Nirvana e formou uma banda. "O Nevermind... aí já comecei a achar tudo que eu tinha ouvido antes palha." Em 2001, com 18-19, gravou o primeiro disco de próprias com a Revel, ainda inspirado no grunge. Nesse mesmo ano apareceram o "Is This It", dos Strokes, e o "Bloco do Eu Sozinho", dos Hermanos, que Guerra descobriu na MTV e foi correndo buscar na loja. Uma década nova estava começando.

Guerra não sabia, então, se era o Kurt Cobain ou o Rimbaud. Por conta disso, pegou tanta dependência no CEFET que, em 2001, largou os estudos e voltou para Canguçu, para trabalhar de peão na lavoura de fumo do pai. Era um trabalho mecânico, que deixava a mente livre. "Daí eu ia cantando música nova no meio da lavoura, eu ia pensando coisas, repensando." No fim de semana, vinha tocar com a banda. Enquanto isso, lia os beatniks e Chuck Palahniuk, e escrevia.

Em 2004, começou a faculdade de Letras em Pelotas. Gravou o segundo disco com a Revel: "Cowboy de Cigarro". Tinha aprendido com os Hermanos uma maneira nova de cantar rock em português, que se aproximava da MPB que escutava em casa desde a infância. No mesmo ano, descobriu o Bar do

Escritor e começou a postar contos salpicados de referências literárias e autobiográficas, em que o sublime era encontrado na degradação. Beto Menezes disse que Guerra estava imitando o Marcelo Mirisola, e era verdade. Assim Guerra entrou em contato com Menezes e logo a identificação se transformou em amizade virtual. Em 2006, Guerra lhes enviou uma canção, "Camélia", já num estilo mais MPB do que rock e, a partir de então, submetia cada nova composição ao crivo dos companheiros.

Era a época da Baleia. A casa na Barroza, quase esquina Dom Pedro, tinha esse nome porque os dois amigos se chamavam "Jonas". 2006 foi um ano intenso. A casa estava sempre cheia de gente trocando ideias, discos, livros. As saídas noturnas eram diárias. A relação com as drogas se estreitou. Guerra descobriu que a promiscuidade era legal e, ao mesmo tempo, que não era impossível encontrar a musa do amor romântico num meio-fio da Dom Pedro.

A Baleia durou só um ano. O de 2007, Guerra passou em Canguçu. Gravou um EP de rock com o projeto Revelmobil, onde os resquícios do grunge já não se faziam notar. Entre 2007 e 2009, Guerra sustentou o vício em drogas jogando poker online, até 14 horas por dia, até 3.000 reais por mês. Em 2009, chegou ao fundo. Acabou o namoro, acabaram as bandas - era impossível conviver com ele.



A recuperação

"Olha, tua mãe me falou que tu é ateu." "Sou." "Pois é, a casa é católica. Tu vai ter que participar do terço diário, da missa, do estudo bíblico de manhã, vai ter que rezar antes do almoço..." "Cara, beleza, eu tô morrendo." Foi a entrevista de admissão da Comunidade Terapêutica CAEX. Guerra estava pesando 44kg e qualquer coisa valia que oferecesse um caminho.

Mas se impressionou com o que viu lá dentro: gente que conhecia da rua e que estava bem. Decidiu dar uma chance ao negócio. A primeira coisa que fez foi saber mais que os monitores da comunidade sobre o Programa de 12 Passos. Leu tudo o que tinha na biblioteca deles, e conhecia a bíblia de trás pra frente. Como tinha ajoelhado, resolveu rezar. "Se eu tenho que escolher uma entidade metafísica abstrata que não existe, vou escolher Nossa Senhora que parece mais gente boa." E rezou.

A rotina era de trabalho e com precisão militar. Quem não acordasse na hora pagava penalidade, lavava a louça de todo o mundo. Guerra se adaptou bem, pegou pouquíssimas punições. Sua sobrinha Carol, hoje a coisa mais importante na sua vida, tinha nascido, e ele tinha decidido que queria viver.

Saiu da CAEX em agosto de 2010. Usou no mesmo dia. Depois disso passou mais de um ano limpo novamente. Voltou a trabalhar na lavoura e passou a frequentar reuniões de AA. Do retiro, guardou a ideia de viver um dia de cada vez. Não voltou mais a ser ateu. Até hoje anda com um terço ao redor do pulso.

A lama é bonita, amigo

Eu conheci as canções do Juliano enquanto ele ainda estava na CAEX, através do Thiago Salvador, hoje da produtora Fade. Em 2011, o conheci pessoalmente em uma junção no Clube Caiubi de Compositores, na Bety Bistrô, e nos tornamos amigos. Ele tinha começado a vir a Pelotas para discutir a gravação de um disco produzido pelo Sulimar Rass, meu então professor de composição popular.

Esse projeto acabou não saindo, mas Juliano resolveu que gravaria um disco, nem que fosse por conta própria. A partir de então, a gravação foi empreendida inteiramente na parceria. O conceito do disco foi nascendo de sessões com os amigos/músicos Diego Portella e Eugênio Bassi, bem como de muitas conversas.

Em setembro de 2012, recebi por e-mail o disco pronto. Estranhei - achei que os arranjos escondiam as

canções, que eu já conhecia e sabia geniais. O fato é que nada na produção de "Lama" era o esperado, e havia algo de verdadeiro naquilo. O disco saiu e todo o mundo gostou, e também eu fui aprendendo a gostar.

A odisseia

Beto Menezes tinha crédito de milhas no cartão da companhia aérea. Foi coisa de minutos, em um chat entre os três amigos, e a passagem de Guerra para a Paraíba estava comprada. Armaram um show em um tal Sebo Cultural, divulgaram pros amigos, que já conheciam as canções, avisaram jornalistas. Em um par de semanas, Guerra estava de violão no saco e rumo ao Nordeste.

João Pessoa pareceu, para Guerra, uma espécie de Porto Alegre, mas onde os roqueirinhos usavam camiseta do Chico Science e até os guardadores de carro falavam em forma de poesia. No sábado, uma semana antes do seu show, Guerra foi ver Totonho e os Cabra no Sebo Cultural. "Eu tinha tudo para ser feliz / Uma passagem de ônibus pra outro lugar do país," cantava Totonho. Atrás dele e de um gradeado, as estantes, cheias de livros, serviam de cenário para o show. Embora o lugar não fosse grande, Guerra teve medo que, no sábado seguinte, não viesse ninguém. Quanta audiência um colônio de Canguçu poderia ter a 4.000 km de casa?

Mas estava enganado. "Sabe quando não fica chato?" Na contagem parcial do artista, compareceram umas 150 pessoas. Quem tinha ouvido falar do Guerra eram os amigos do Menezes e do Denser - escritores, poetas, músicos. Essas pessoas tinham conhecido as canções através das gravações caseiras que Guerra enviava aos amigos, e que eles passavam adiante. "Tinha gente cantando junto música que

não tá nem no disco." De uma mesa mais afastada, um homem de cavanhaque branco e chapéu, entre goles de whisky, acompanhava o espetáculo. Em uma certa altura, se levantou e foi sentar perto do palco. Estava tocando "31 de Dezembro".

Na teia do aranha

Depois do show, Guerra foi fumar um cigarro na frente do Sebo Cultural. Talvez estivesse se perguntando como tinha ido parar ali, quando Roberto Denser veio lhe apresentar ao mesmo homem de chapéu - Carlos Aranha.

Carlos Aranha é poeta, cineasta, teatrólogo, produtor artístico, jornalista e tocador de caixinha de fósforos. Integra a Academia Paraibana de Letras e escreveu o manifesto "Inventário do Feudalismo Cultural Nordestino," assinado entre outros por Caetano Veloso e Gil. Segundo Guerra, é o grande representante do tropicalismo na Paraíba. Aranha deu parabéns pelo show e entregou dois presentes: seu último livro, "Nós: an Insight" e um disco de Gustavo

Magno produzido por ele. Entregou também o seu cartão, e combinou um almoço com Guerra, para conversar melhor.

Foram quatro reuniões com Carlos Aranha, cada uma interminável, em um restaurante no Shopping Tambiá. Entre copos de whisky, Aranha propôs a produção de um segundo disco, a ser gravado em João Pessoa e mixado em São Paulo. Nesse disco, além de novas, devem aparecer canções que não entraram no primeiro, como Samba da Consolação e Samba pro Beto - este dedicado ao Roberto Menezes. A única canção em "Lama" que deve ser gravada outra vez é "31 de Dezembro".

Guerra volta a João Pessoa esse Março para fazer um show e começar os preparativos do disco. Uma turnê pelo nordeste, ainda com datas a definir, deve começar em Salvador e terminar em Fortaleza, passando por umas 10 cidades. Há boatos não confirmados, espalhados pelo próprio Guerra, de que ele abrirá shows para o Jards Macalé em uma turnê a ser realizada a partir de Abril. É pagar para ver.



Guilherme Oliveira

Guilherme Oliveira é professor aposentado. Por designios de uma teodiceia qualquer, atualmente lida com especulação imobiliária. É muito rico.

Uma cultura: introdução a uma ideia fantasiosa

Não há cultura sem culturas. Se se pode falar em um grande campo capaz de englobar tudo que se passa nos becos escuros e nos recôncavos de humanidade da cidade, é na medida em que essa Cultura só toma existência a partir de uma operação intelectual muito particular. É uma ficção, uma narrativa de outros tempos. Há mesmo, para mim, disputas locais, embates pontuais entre diferentes culturas que, embora até possam intencionar qualquer coisa digna de ser pensada como uma hegemonia cultural, fazem buracos nessa enorme colcha de retalhos que entendemos por Pelotas. Se não os vemos nas pessoas, os casarões justapostos a prédios contemporâneos e interseccionados por empresas de iogurte - uma rápida passada pelo Café Aquários - podem deixar-nos a pensar no embate de tempos congelado nos frontispícios.

Consequentemente, seria um pouco ingênuo considerar um modelo de cultura persistente, capaz de sustentar-se por si - não há cultura que não se configure através de choques; a dinâmica de cultivo dá-se por oposição: resistência e insistência, estâncias moventes. Nisso, mantem-se em conjunto - mesmo que essa conjunção encontre sinonímia em oposição. Se se costuma utilizar a ideia de cultura como tecido vivo, mais próprio do que dizer que há culturas na cidade seria dizer que a cidade é uma cultura - aqui de um ponto de vista pessoal, mas ainda capaz de dar a entender que essa cultura recorta, constrói e mutila a partir de perspectivas, mas é simultaneamente a mana de uma cidade branca, anima a fantasmagoria de uma Pelotas entregue à ruína e à deterioração arquitetônica.

Em contrapartida, a cidade não é resultado. Não há culminância no processo. Dizer que a cidade é cultura a identifica a um processo permanente de cultivo. Eleger uma cultura local é uma abstração intelectual particular. Mesmo aí há embate cultural, recortes tanto construtivos quanto destrutivos. Cultura, aqui, é o conjunto dessas disputas - e, se se pode utilizar essa palavra no singular, é somente através da mútua sustentação desses embates como uma colcha de retalhos onde se costumam essas diversas micro-culturas. Em seu movimento civilizatório, destroi. Aquiescer a um desenvolvimentismo capaz de dar continuidade e conciliar movimentos antagônicos é uma manobra política que prefigura um mundo de pelúcia. Pelotas é disputa.

Programação

GRITO ROCK
PELOTAS 2013

QUARTA
20/02

18h
CASA FDE
PELOTAS
Almirante Tamandaré, 608

**ESQUETE
TEATRAL**

COMPACTO.CINE

QUINTA
21/02

09h30
DCE UFPEL
Gonçalves Chaves, 660

OFICINA
CIDADES
CRIATIVAS

18h
EM FRENTE
A SECULT
Praça Cel. Pedro Osório, 2

**SHE HOOS GO
PETIT MORT**

**ESQUETE
TEATRAL**
COMPACTO.CINE

SEXTA
22/02

15h
CASA FDE
PELOTAS
Almirante Tamandaré, 608

OFICINA
GESTÃO DE
CARREIRA

18h
MERCOSUL
CULTURAL
*Benjamin Constant, entre José
do Patrocínio e João Pessoa*

**PILHAS
TOPSYTURVY
VETITUM**

EXPO.GRITO
**ESQUETE
TEATRAL**

SÁBADO
23/02

16h
PRAÇA DOM
ANTÔNIO
ZATTERA

**CONVÉS
IMAGINÁRIO**

**SATURNO
DE JOSÉ**

**SUBURBAN
STEREOTYPE**

**FREAK
BROTHERZ**

DR. HANK

ZUDIZILLA

**TENDA DE LITERATURA
GRITO VERDE
COMPACTO.CINE**

DOMINGO
24/02

17h30
CASA FDE
PELOTAS
Almirante Tamandaré, 608

SOFÁ NA RUA

**VADE RETRÔ
THE
SORRY SHOP**

EXPO.GRITO

e-cult

mídia ativa

Esse espaço pode ser seu.
Anuncie aqui.

(53) 8117 6974 | 9115 11 10
comercial@ecult.com.br